

Paranoá paga caro pela água

À margem do Lago Paranoá, uma população calculada em 50 mil pessoas só consegue ter acesso a um tambor d'água para beber, cozinhar, lavar roupa e banhar-se após enfrentar longas filas. Os moradores da Vila Paranoá, um dos aglomerados mais antigos da cidade, madrugam para obter 200 litros de água da Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb), que não consegue atender à demanda. Resta a muitos deles comprá-la de particulares a NCz\$ 2,50 o barril e chegar em casa com a suspeita de que pode estar bebendo água não tratada do próprio Paranoá.

As obras de captação, elevatórias e adutora do Córrego dos Goianos, que permitirão o abastecimento da vila através dos vários chafarizes já instalados, só serão concluídas dentro de 60 dias, segundo expectativa do presidente da Caesb, Ulisses Assad. Enquanto isso não acontece, os moradores têm que disputar a água dos carros-pipa, quando sempre ocorrem tumultos. A população madruga para colocar de 60 a 70 tambores na fila de cada um dos 24 "pontos de

água" onde a Caesb faz a distribuição gratuita.

Críticas

Muitos moradores criticam a decisão da prefeitura da vila de ter recusado o aproveitamento da água do Lago Paranoá. "A gente deixou de receber água do lago, tratada e de graça, para comprar a mesma água, sem tratamento nenhum", reclama Marinalva Leidi, há oito anos moradora da "invasão nova". Como ela, a vizinha Edileusa Soares considera que, se tivessem colocado água do lago nos chafarizes da vila, já seria uma grande coisa pelo menos para as pessoas terem como lavar roupa.

Vendido por particulares, um tambor pode custar até NCz\$ 3. Pior que o preço, segundo um dos antigos moradores do lugar, o comerciante e fazendeiro José Queiroz de Miranda, é o fato de não se ter qualquer garantia sobre a qualidade ou procedência dessa água. José Queiroz, suspeita que, alguns dos que a comercializam encham os tambores em uma nascente à beira da estrada, outros no próprio lago.

Os caminhões da Caesb não

atendem nem 30% da demanda do Paranoá, conforme avalia. Os tambores vazios dos que permanecem na fila após a visita do carro-pipa nos diversos "pontos de água" são prova disso. Mas outro indício de que a demanda não está sendo suficientemente atendida pode vir da área mais nova do Paranoá, também a mais pobre, ocupada por pessoas que chegaram há menos de cinco anos. Pelo preço do vasilhame um tambor está custando cerca de NCz\$ 20, muitos acabam tendo que se contentar com latas de 20 litros.

Alternativas

Quem não tem como comprar um tambor para buscar água fica com apenas três alternativas: ou agüenta oito dias com a quantidade de água que conseguiu juntar, compra um barril ao preço cobrado pelos vendedores, ou, ainda, busca no lago o que falta em casa. Os homens do caminhão se aborrecem, segundo muitas donas-de-casa, porque a lata à pequena, se enche muito rapidamente e a água acaba caindo no chão. Nessas horas, segundo Edileusa Soares, são frequentes as brigas e os palavrões.

Um barril de água não dá para um consumo de mais que dois dias no caso de família de seis pessoas. A água é usada para cozinhar os alimentos, para beber e para limpeza da casa e lavação de roupa. "Banho de gato" é a alternativa que resta para os adultos, enquanto as crianças nem questionam a poluição do Lago Paranoá nos banhos que são uma de suas poucas opções de lazer.

Lago

Moradora da Vila e funcionária da Administração, Gilalves de Oliveira, admite que os filhos, com frequência, tomam banho nas águas do lago. Como o barril comporta apenas 200 litros e os caminhoneiros recusam-se a encher por mais de uma vez o barril de uma mesma pessoa, quem quiser tomar banho em casa tem que comprar água. Ela contesta, no entanto, a informação segundo a qual o caminhão só passa de oito em oito dias e garante que isso ocorreu há muito tempo. Atualmente, afirma, os caminhões-pipa passam de quatro em quatro dias em cada "ponto d'água".